



# PARA UMA HISTÓRIA DO JORNALISMO EM PORTUGAL

**CARLA BAPTISTA**  
**JORGE PEDRO SOUSA**  
(ORGANIZADORES)



LIVROS  
**ICNOVA**

**ic** NOVA INSTITUTO  
DE COMUNICAÇÃO  
DA NOVA

# **PARA UMA HISTÓRIA DO JORNALISMO EM PORTUGAL**

Carla Baptista  
Jorge Pedro Sousa  
(Organizadores)

LIVROS ICNOVA

## FICHA TÉCNICA

### TÍTULO

Para uma história do jornalismo em Portugal

### AUTORES

Carla Baptista e Jorge Pedro Sousa (Organizadores)

### EDIÇÃO

ICNOVA – Instituto de Comunicação da Nova  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade NOVA de Lisboa  
Av. Berna, 26  
1069-061 Lisboa – Portugal  
www.icnova.fcsh.unl.pt icnova@fcsh.unl.pt

### DIREÇÃO

Francisco Rui Cádima  
Maria Lucília Marques  
Cláudia Madeira

### ISBN

978-989-54285-9-5 (Digital)  
978-989-54285-8-8 (Impresso)

### DESIGN E PAGINAÇÃO

Modelo gráfico: José Domingues | UNDO  
Paginação: Ana Gabriela Nogueira

### DATA DE PUBLICAÇÃO

2020

### APOIO

**FCT** Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

A edição deste livro é financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto PTDC/COM-JOR/28144/2017 – Para uma história do jornalismo em Portugal.



O conteúdo desta obra está protegido por Lei. Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação da totalidade ou de parte desta obra carece de expressa autorização do editor e dos seus autores. Os artigos, bem como a autorização de publicação das imagens, são da exclusiva responsabilidade dos autores.

# IMPRESA PORTUGUESA SOBRE CINEMA: UMA RETROSPECTIVA

JAIME LOURENÇO  
CIES/ISCTE-IUL e UAL  
jaimelourenco@me.com

MARIA JOÃO CENTENO  
ESCS-IPL/ICNova  
mcenteno@escs.ipl.pt

## Resumo

O Jornalismo de Cinema, considerado um subgénero do Jornalismo Cultural, apresenta-se-nos como um objecto de estudo ainda por explorar nas ciências sociais e da comunicação, nomeadamente em Portugal onde a investigação sobre este subgénero é quase inexistente. Uma vez que o cinema é, de entre as manifestações culturais e artísticas, uma das que tem maior presença nos *media* portugueses (de acordo com dados do projecto A Cultura na Primeira Página [Baptista, 2014; 2017a]), importa aprofundar a investigação sobre esta prática jornalística.

No âmbito de uma investigação mais alargada, parece-nos fundamental percorrer os principais títulos da imprensa portuguesa sobre cinema que têm acompanhado a recepção do cinema nacional e internacional e que têm sido cruciais para a construção da cultura cinematográfica dos portugueses. A primeira publicação dedicada em exclusivo ao cinema surgiu na década de 1910 e é a partir da segunda metade do séc. XX que se começa a constatar a aceleração do gosto cinematográfico (Barroso,

2008:26) e a consolidação das publicações sobre cinema em Portugal.

Nesta comunicação, através de uma revisão de literatura e análise documental, traçamos a evolução da imprensa portuguesa sobre cinema e analisamos as características dos principais títulos desde as origens do cinema até 2014 (ano em que circulou pela última vez uma publicação portuguesa especializada em cinema).

### **Palavras-chave**

Jornalismo de Cinema; Imprensa Portuguesa; Recepção

## **INTRODUÇÃO**

Durante o séc. XX, a implementação do Cinema foi acompanhada por publicações especializadas que, tal como Barroso (2008) afirma, foram essenciais para a construção de uma cultura cinematográfica em Portugal. O presente estudo propõe traçar uma retrospectiva das principais publicações dedicadas ao cinema em Portugal, desde a primeira, em 1917, até à última em 2014, o que corresponde a quase um século de imprensa sobre cinema traduzido em várias mutações significativas quanto aos temas abordados, aos géneros jornalísticos utilizados ou à cobertura do cinema português.

Recorreu-se a uma extensa revisão de literatura no que diz respeito à primeira metade do séc. XX e quanto à segunda metade do século e a primeira década do séc. XXI optou-se, além da revisão de literatura, por uma análise documental de vários números das seguintes publicações: as revistas *Cinéfilo*, *Imagem*, *Filme*, *Cinema Novo*, *Cinematógrafo*, *Estreia*, *Premiere*, *Magazine.HD*, *Total Film* e *Empire*.

## **AS PRIMEIRAS DÉCADAS DA IMPRENSA SOBRE CINEMA**

As primeiras imagens em movimento terão sido vistas em Lisboa em finais do séc. XIX, mais precisamente em Março de 1895 (no mesmo ano em que os irmãos Lumière apresentaram o cinematógrafo em Paris). Este foi o ponto de partida para o desenvolvimento e progresso daquela que viria a ser a “doença do tempo” (Pina, 1986) dos primeiros anos

do séc. XX e que atraiu, quer em Portugal quer internacionalmente, a atenção da imprensa.

A nível internacional desenvolveu-se, a par do cinema, uma imprensa dedicada aos espectáculos cinematográficos, nomeadamente em França, Itália e nos Estados Unidos. As primeiras publicações eram revistas corporativas profissionais (como *Le Fascinateur*, criada por Georges Coissac) e dedicadas à divulgação cultural da sétima arte (como *Le Film*, criada em 1914 por Henri Diamant-Berger) (Aumont & Marie, 2009, p. 224). Portugal, à semelhança do que acontecia nesses países, também começou a dispor de publicações exclusivamente dedicadas ao cinema, a primeira a partir de 15 de Março de 1917: a *Cine Revista* (Costa, 1954, p. 5; 1978, p. 51). Foi publicada em Lisboa e focava o seu olhar em celebridades internacionais como Diana Karenne, Leda Gys, Gabriela Robinne, Francis Ford, Charles Chaplin, Gloria Swanson, entre outros. A *Cine Revista* dedicava secções aos progressos e novidades das componentes técnicas do cinema, bem como ao cinema nacional. Entre 1917 e 1924 estiveram presentes nas páginas da revista todas as produções nacionais e ainda artigos que evocavam os direitos e interesses das produtoras, exibidores e profissionais de cinema (Costa, 1954, pp. 7-8).

No início da década de 1920, o Porto era considerado a capital do cinema em Portugal e foi onde surgiram duas publicações que marcaram o início dos anos 20. A revista *Porto Cinematográfico* que surgiu em Agosto de 1919 e a revista *Invicta Cine* em Março de 1923. A primeira tinha como director, editor e proprietário Alberto Armando Pereira, pioneiro do jornalismo de cinema em Portugal. Henrique Alves Costa, responsável pela criação do Cineclubes do Porto, considera a *Porto Cinematográfico* como “uma das melhores revistas cinematográficas que se editaram em Portugal” (Costa, 1954, p. 9). Esta publicação era mensal e reconhecida pela variedade de textos. O último número foi publicado em Março de 1925. Por sua vez, a *Invicta Cine* foi uma das revistas dedicadas ao cinema com maior duração em Portugal. Circulou durante 11 anos, chegou a ter correspondentes em Paris, Berlim, Viena e Nova Iorque e defendeu, ao longo do tempo, o cinema português e o cinema enquanto arte. Entre os vários colaboradores destacou-se Alberto Armando Pereira pela secção “Crítica de Filmes”.

A década de 1920 é caracterizada por um aumento do número de

salas de cinema, destacando-se o aparecimento do Tivoli, em 1924, e a remodelação de várias salas de teatro como os teatros São João e Rivoli (Barroso, 2008, p. 24), mas também uma amplificação da consciência da necessidade de um cinema nacional. Em 1924 surge no Porto a associação que viria a estar na base do cineclube, a Associação dos Amigos do Cinema, e em 1929, em Lisboa, a Associação Cinematográfica de Portugal. Este crescimento do interesse pela actividade cinematográfica levou a que também na imprensa generalista portuguesa surgisse a primeira página exclusivamente dedicada ao cinema, mais especificamente no *Diário de Lisboa*, em Outubro de 1927. Esta página tinha, inicialmente, como título *Arte Cinematográfica/O claro-escuro animado* e estava a cargo de António Lopes Ribeiro, um dos primeiros críticos de cinema em Portugal (assinava os textos sob pseudónimo de *Retardador*). Mais tarde, esta página seria rebaptizada de *A Semana Cinematográfica* (Cunha, 2008, p. 9; 2014, p. 241).

Mas as publicações especializadas em cinema da década de 1920 proliferavam, tendo surgido mais de 20 títulos<sup>1</sup>. Entre todos estes títulos, a *Cinéfilo* destacou-se e foi a publicação portuguesa dedicada ao cinema com maior longevidade (Borges, 2018; Costa, 1954, p. 18; 1978, p. 52). Lançada pelo jornal *O Século*, esta revista inspirava-se (a nível do formato, páginas, etc.) no modelo da primeira fase da revista francesa *Mon Ciné*. No editorial, a revista *Cinéfilo* afirmava que “a lacuna que procuramos preencher não é das publicações artísticas ou técnicas, mas a de um órgão popular destinado especialmente aos que ignoram outras línguas e ainda aos que, familiarizados com elas, aguardavam uma revista de vulgarização, em cujas páginas ilustradas houvesse, a par da matéria geral, artigos e informações de interesse particular para os portugueses” (Borges, 2018). A revista tinha uma forte componente ilustrada, incluía reportagens, artigos de opinião, notas sobre estreias, textos de e sobre actores e actrizes, de noções técnicas e ainda a correspondência de leitores (Borges, 2018). A 15 de Setembro de 1939 (no número 578), a publicação da *Cinéfilo* é suspensa de forma temporária, enquanto a 2ª Guerra Mundial estivesse a decorrer. No entanto, a revista continuou

<sup>1</sup> Alguns destes títulos foram *Jornal dos Cinemas* (1922), *Portugal Cinematográfico* (1923), *Cine Lisboa* (1923), *Invicta Cine* (1923), *Cine Teatro* (1923), *Cinema* (1924), *De Cinematografia* (1925), *Cine Portugal* (1926), *O Film* (1926), *Cine Jornal* (1926), *Espectáculo* (1927), *De Cinema* (1928), *Arte Muda* (1928), *Cinéfilo* (1928), *Imagem* (1928) (Costa, 1954, pp. 10-19).

a ser publicada num novo formato, enquanto suplemento do jornal *O Século*, apenas com oito páginas (Borges, 2018).

O interesse pelo cinema continuou a manifestar-se e a crescer, atravessando as décadas de 1930 e 1940, onde se assistiu a uma continuação da proliferação de salas de cinema por todo o país e a um maior enraizamento do cinema em Portugal. Nestes anos foram apresentadas várias medidas de incentivo ao cinema português, onde se inclui a criação da Cinemateca Portuguesa (Pina, 1986, p. 71) e a criação de vários cineclubes pelo país. É neste quadro da cultura cinematográfica portuguesa que surgiram mais de 30 publicações especializadas em cinema, entre as quais se destacaram títulos como *Kino* (1930), *Cinema* (1932), *Animatógrafo* (1933), *Movimento* (1933) ou *Cine-Jornal* (1935). Estas publicações procuravam conciliar várias necessidades e interesses, como dar resposta aos objectivos de distribuidoras, o que implicava depender da publicidade que estas proporcionavam, bem como responder à curiosidade dos leitores (Barroso, 2008, pp. 25-26). Deste conjunto de publicações sobressaiu um conjunto de responsáveis e colaboradores que dominou a produção cinematográfica em Portugal nas décadas de 1930 e 1940<sup>2</sup>.

## UMA IMPRENSA EM MUDANÇA

O panorama da imprensa portuguesa sobre cinema na década de 1950 era relativamente pobre quando comparado com outras realidades, como por exemplo, a francesa ou italiana (Henry, 2006, p. 233). No entanto, a década de 1950 destaca-se pela criação de novos títulos como é o caso das revistas *Imagem* (que surgiu a 28 de Outubro de 1950, em Lisboa), *Visor* (1953), *Celulóide* (1957) e *Filme* (1959). A *Imagem* foi o título mais importante neste período a nível cultural, de divulgação cinematográfica e de repercussão do movimento cineclubista (Costa, 1954, p. 33; Henry, 2006, p. 233). Esta publicação definia-se, tal como mencionado no editorial do primeiro número, como uma “revista popular de cinema” e

<sup>2</sup> António Lopes Ribeiro (director da *Animatógrafo* e *Kino*), Jorge Brum do Canto (colaborador da *Cinéfilo* e *Imagem*), Chianca de Garcia (director da *Imagem*), Leitão de Barros (colaborador da *Imagem*), Continelli Telmo (colaborador da *Imagem* e *Kino*) (Cunha, 2014, p. 242) e Manoel de Oliveira (colaborador da *Movimento*) (Mangorrinha, 2014b).

pretendia ser “uma revista séria que aspira a uma certa intelectualidade”. Em 1954 surge a 2ª série, alvo de uma reestruturação de modo a apresentar-se como mais intelectual e séria.

O caso da revista *Imagem* espelha bem a mudança de paradigma que se fez sentir no campo do jornalismo de cinema na década de 1950. A primeira metade da década é marcada por artigos de dimensão reduzida (nomeadamente breves), o destaque às celebridades internacionais e por um estilo discursivo maioritariamente descritivo. Já na segunda metade da década, apesar de as breves continuarem a marcar a maior presença, a crítica, enquanto género de promoção de reflexão e interpretação, começa a ganhar força (Lourenço & Centeno, 2019). Foi nesta década que se quebrou com o modelo centralizado na opinião do crítico, progredindo para uma crítica orientada por critérios que analisavam os filmes do ponto de vista técnico e artístico. Assumimos que tal mudança se deve à influência das revistas francesas, em grande medida da *Cahiers du Cinéma*, que surge em 1951.

Nestas publicações, o tema com maior presença eram as celebridades, seguidas das estreias (Lourenço & Centeno, 2019). Surgiam ainda outros temas de forma residual, como a cobertura de festivais internacionais, da actividade dos cineclubes ou do cinema de amadores, sendo que é nesta década que estes se começam a manifestar (Barroso, 2008, p. 26). No caso dos cineclubes, curiosamente, algumas publicações mantinham uma relação directa com o movimento cineclubista: a revista *Imagem* criou um cineclubes homónimo e as revistas *Visor* e *Celulóide* eram propriedade do cineclubes de Rio Maior (Cunha & Penafria, 2017, p. 105).

## A AFIRMAÇÃO DA CRÍTICA

Na década de 1960, a crítica evidencia-se como o género jornalístico com maior presença nas publicações dedicadas ao cinema (Lourenço & Centeno, 2019). Esta foi uma década marcada pela produção de textos e peças críticas que desenvolviam o pensamento discursivo, estético e narrativo através de conceitos sociais, políticos, estéticos ou filosóficos. Foram anos de afirmação de um género jornalístico determinante para iniciar a compreensão e interpretação dos filmes na sociedade portuguesa (Barroso, 2002, pp. 92-108), quer nas revistas especializadas quer na

imprensa generalista.

Em 1968, o *Diário de Lisboa* passou a publicar diariamente críticas assinadas por Lauro António e Eduardo Prado Coelho, algo que viria a revolucionar a história da crítica na imprensa em Portugal e a alterar o panorama da crítica de cinema portuguesa (Cunha, 2008, p. 13; 2014, p. 250). De acordo com João Lopes (2016), foi a partir deste período que se consolidou uma base crítica capaz de gerar importantes espaços de reflexão sobre o cinema (Lopes, 2016, p. 77).

A actualidade do sector cinematográfico passou a estar presente nas revistas de cinema, sendo as estreias o tema com maior presença, seguidas das celebridades (Lourenço & Centeno, 2019). Também os Festivais de Cinema, nomeadamente o de Cannes e o de Veneza, passaram a ter uma cobertura frequente. Estas revistas foram ainda uma força determinante na defesa e revitalização do cinema português neste período<sup>3</sup>.

Foi nesta década que as revistas *Imagem* e *Filme* terminaram a sua edição, respectivamente em 1961 e 1964.

## UM OLHAR PARA OS ACONTECIMENTOS CINEMATOGRÁFICOS

A imprensa internacional especializada em cinema propagou-se na década de 1970. Destacaram-se títulos como a *Positif*, *Cinéthique*, *Cinémaction* em França; *Screen* e *Framework* no Reino Unido; *Cine-Tracts* e *Cine-Action* no Canadá; *Jump Cut* e *Cineaste* nos EUA, *Ombre Rossi* e *Filmcritica* em Itália (Cunha, 2014, p. 250). Em Portugal, este período é marcado por uma mudança no sistema de comunicação social. “Confrontada com novas opções em plena instabilidade política, a população portuguesa com possibilidade de acesso aos órgãos de informação procurou neles pontos de referência e rumos de orientação” (Mesquita, 1996, p. 361). No que diz respeito à imprensa cultural, os anos 70 são marcados pelo reaparecimento da revista *Cinéfilo* em 1973 (desde 1939 que só era publicada, juntamente com o jornal *O Século* em formato de suplemento), considerado um momento marcante na

<sup>3</sup> A título de exemplo, o número 20 da revista *Filme* (Novembro de 1960) dedicou um dossier ao que já se chamava “Novo Cinema Português”.

história da imprensa cinematográfica portuguesa (Cunha, 2014, p. 259). Esta foi considerada a publicação que mais espaço reservava à cultura e aos espectáculos neste período em Portugal (Carmo, 2006), abrangendo áreas como o cinema, a música, o teatro, a televisão ou o bailado e com um vasto leque de colaboradores<sup>4</sup>. Contudo, teve um regresso curto, tendo terminado em Maio de 1974. Esta revista marcou o debate cultural nos últimos momentos da ditadura, tendo contribuído para muitas das discussões que se colocaram no pós-25 de Abril (Cunha, 2014, p. 259).

Os anos 1970 foram uma década em que o enquadramento dos conteúdos das publicações passou a estar, em grande medida, centrado nos acontecimentos, tendo aparecido os espaços de agenda com as estreias da semana e os filmes em cartaz. É a partir desta década que os festivais e ciclos de cinema começam a surgir em grande número nas publicações, seguidos das celebridades e das estreias (Lourenço & Centeno, 2019), onde, além da cobertura a eventos como o Festival de Cannes, também as retrospectivas promovidas pela Cinemateca Portuguesa e pela Fundação Gulbenkian marcaram as páginas destas publicações.

Ao contrário daquilo que se verificava na imprensa generalista de então, onde as peças jornalísticas não explicavam ou promoviam a reflexão (que segundo as palavras de Jean Paul Sartre, reproduzidas por Mesquita (1996, p.363), “[a imprensa] não parece muito boa (...) ela nunca procura explicar”), as publicações especializadas em cinema eram compostas por géneros que promovem a reflexão como a crítica e a crónica. Contudo, além da presença dos géneros de opinião, a notícia foi o género jornalístico dominante nos anos 1970 (Lourenço & Centeno, 2019).

Foi uma década em que surgem novos títulos como a *Cinema Novo* (em 1979) e se passou a olhar para a actualidade cinematográfica portuguesa com outros olhares, tendo sido aberto o debate a questões como a orientação do cinema português de acordo com uma linha comercial ou um registo de ‘cinema de autor’.

<sup>4</sup> A segunda série da revista *Cinéfilo* foi dirigida por Fernando Lopes, António-Pedro Vasconcelos era o chefe de redação, João César Monteiro o redactor principal e entre os colaboradores encontravam-se nomes como Eduardo Prado Coelho, Vasco Pulido Valente, Alberto Seixas Santos, Eduardo Gêada, Henrique Alves Costa, entre outros.

## A DÉCADA DOS BLOCKBUSTERS

O eclodir das indústrias culturais em Portugal marca a década de 1980. Neste período assistiu-se a uma especialização dos *media*, que resultou no aparecimento de jornais e revistas dedicados à cultura e ao cinema (Santos Silva, 2009, p. 94), mas também no reaparecimento de páginas e secções culturais na imprensa generalista, que haviam sido menosprezadas na década anterior (Mesquita, 1996, pp. 388-389). É neste período, e muito devido à aposta na cultura por parte da imprensa generalista, que vários títulos especializados em cinema terminaram, como o suplemento *Cinéfilo*, do jornal *O Século*, em 1982, a revista *Cinematógrafo*<sup>5</sup>, em 1981 ou a revista *Celulóide*, em 1986.

No entanto, enquanto estes títulos circularam focaram maioritariamente retrospectivas de obras e de realizadores que se haviam destacado na história do cinema (Lourenço & Centeno, 2019). Um exemplo é o 41º número da revista *Cinema Novo* dedicado à figura e obra de Ingmar Bergman. Na década de 1980, estas revistas começaram também a abordar temas que até então não eram comuns, como o cinema infantil ou a homossexualidade no cinema (foi tema central do nº13 da revista *Cinema Novo*, em 1980).

Foram anos de abertura a novas temáticas e olhares ao cinema, mas também a uma construção de uma memória das principais obras e figuras do cinema. Contudo, se até então a imprensa tinha acompanhado e sido um motor de dinamização do cinema português, nos anos 1980 a proliferação massiva dos filmes estrangeiros, maioritariamente norteamericanos, reduziu em grande número a atenção que as revistas especializadas davam ao cinema nacional.

## OS TÍTULOS INTERNACIONAIS E O COLAPSO DA IMPRENSA DE CINEMA EM PORTUGAL

A velocidade galopante da indústria cinematográfica internacional dos anos 1980 decorreu a um ritmo que a imprensa portuguesa sobre

<sup>5</sup> Foi uma revista com uma duração muito curta, e tinha como diretor João Antunes (actual jornalista de cinema do *Jornal de Notícias*) e colaboradores como João Bénard da Costa, Eduardo Prado Coelho ou João Lopes (actual jornalista e crítico de cinema no *Diário de Notícias*, SIC e Antena3).

cinema demorou a conseguir acompanhar e essa velocidade transitou para a década de 1990. Foram anos em que o número de salas de cinema quase duplicou no país, no entanto Portugal continuou a apresentar o menor número de ecrãs de cinema, a menor taxa de espectadores *percapita* da UE, bem como a menor receita de bilhetes vendidos para filmes nacionais, tendo o cinema norte-americano dominado o interesse do público em 95% (Ferreira, 2013).

No campo do jornalismo, é criado o jornal *Público* (em Março de 1990), desde logo catalogado enquanto referência e com um forte compromisso a nível cultural, e no campo das publicações especializadas a nível cultural destacaram-se as revistas destinadas ao público televisivo que crescia ano após ano, nomeadamente com o aparecimento das televisões privadas (Reis & Nunes, 1996, pp. 397-398).

Quanto à imprensa dedicada ao cinema, os primeiros anos da década ficaram marcados por algumas tentativas como a *Arte7: revista técnica de cinema* (dirigida por Manuel Costa e Silva). Mas só nos últimos anos da década é que apareceria um título com alguma estabilidade. *Estreia* surgiu em Outubro de 1998, recuperando parte da equipa da *Cinema Novo*. Um ano depois, aparece a *Premiere*, a versão portuguesa de uma das revistas de cinema mais prestigiadas a nível internacional (como é mencionado no editorial do nº1 da revista). Surge em Novembro de 1999.

Estas eram publicações cujo olhar passou a estar focado no cinema internacional, em grande medida no norte-americano. Eram apresentadas críticas às estreias do mês, seguia-se a actualidade cinematográfica internacional e havia entrevistas exclusivas a grandes celebridades do universo do cinema.

Com o final de *Estreia* em 2002, a *Premiere* foi durante grande parte da década de 2000 a única publicação especializada em cinema em Portugal. Em 2007, viveu um período crítico e esteve quase a deixar de ser publicada, mas conseguiu manter-se no mercado com uma nova série, renovação dos artigos publicados, novas secções e uma nova equipa.

Em Maio de 2010, surgiu a primeira concorrente à *Premiere* em oito anos, a *Magazine HD*, que além do cinema também se dedicava a cobrir séries televisivas ou jogos e consolas. Em Abril de 2011, surge a versão portuguesa da revista americana *Total Film*. No mês seguinte aparece também a versão portuguesa daquela que é a publicação especializada em cinema mais vendida no mundo, a britânica *Empire*.

Com tantas revistas de cinema a surgir em Portugal num curto espaço de tempo seria de esperar que houvesse diferenças editoriais entre elas, mas eram todas muito idênticas na cobertura, quase total, ao cinema norte-americano, com antevisões daquilo que estaria a chegar às salas, entrevistas aos actores e realizadores estrangeiros, críticas às estreias do mês e quase esquecendo o cinema português.

Apesar de 2011 ter sido o ano em que surgiram duas grandes publicações especializadas em cinema, este seria o ano que ficou marcado pelo desaparecimento de quase todos estes títulos. Em menos de um ano, a *Total Film* terminou (em Outubro de 2011), tendo editado apenas cinco números, seguindo-se a *Premiere* (encerrou em Dezembro de 2011), ao fim de 12 anos no mercado português. A *Magazine HD* também deixou de ser publicada em Agosto de 2011 com 13 números, mantendo-se apenas no meio *online* como um *website* de divulgação, maioritariamente sobre os temas cinema e televisão. Restou a recém-chegada *Empire*, mas em Julho de 2014, também deixou de ser publicada, tendo-se mantido no mercado durante 39 números mensais. Desta forma, Portugal deixou de ter uma publicação especializada em cinema até aos dias de hoje.

## CONCLUSÕES

Traçado quase um século de imprensa sobre cinema em Portugal, concluímos que estas foram décadas muito distintas em que as várias publicações se desenvolveram à medida do cinema de então e foram acompanhando as influências da imprensa especializada internacional. Na primeira metade do séc. XX assistiu-se a uma proliferação da imprensa de cinema com a circulação de um vasto número de títulos mas com um foco centrado, maioritariamente, nas celebridades e nas estreias num estilo discursivo, em grande medida, descritivo. As críticas de então cingiam-se apenas à opinião do crítico, sem uma interpretação e análise do filme do ponto de vista técnico e artístico. Tal só viria a alterar-se a partir da década de 1950 devido à influência do pensamento francês fundador da *Cahiers du Cinéma* que propunha um novo olhar na forma de interpretar e analisar uma obra cinematográfica.

A crítica torna-se o principal género jornalístico da imprensa sobre cinema a partir da década de 1960 evocando o pensamento discursivo,

estético e narrativo das obras e os contextos em que estas surgiam. A partir daí a crítica assume-se até aos dias de hoje como o género de excelência no olhar das publicações especializadas sobre cinema.

Se, durante o século XX, a imprensa sobre cinema andou de mãos dadas com os agentes da actividade cinematográfica<sup>6</sup>, muitas vezes impulsionando e defendendo o cinema português, no final do século e nas primeiras décadas do séc. XXI, o foco esteve no cinema internacional, nomeadamente no proveniente de Hollywood. As duas últimas décadas ficaram marcadas pela importação e adaptação dos títulos internacionais e por pouca atenção destes à realidade portuguesa. Contudo, eram publicações compostas por um grande número de páginas (entre 100 ou mais) e que informavam sobre a actualidade cinematográfica internacional além das estreias do mês.

Ao longo deste século assistiu-se a algo que hoje é inexistente em Portugal. Desde 2014 que não existe uma publicação dedicada ao cinema no país e quer o próprio sector do jornalismo, quer o sector do cinema não mostram interesse nessa revitalização, embora existam alguns contributos no âmbito do jornalismo de cinema na rádio e televisão e de forma muito residual na imprensa generalista.

## BIBLIOGRAFIA

- Aumont, J., & Marie, M. (2009). *Dicionário Teórico e Crítico do Cinema* (1ª ed.). Lisboa: Edições Texto & Grafia.
- Baptista, C. (2017a). Jornalismo Cultural em Portugal - retrato de uma década e projecções para o futuro. In C. Baptista (Ed.), *A Cultura na Primeira Página - Uma década de jornalismo cultural na imprensa em Portugal* (1ª ed., pp. 43-86). Lisboa: Escritório Editora.
- Barroso, E. P. (2002). *Justificação e Crítica do Cinema Português. Anos 60/Anos 70*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Barroso, E. P. (2008). *Locomotiva dos Sonhos* (1ª ed.). Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Borges, T. B. (2018, Fevereiro 1). *Textos & Imagens* 5. [Online]. Consultado a 11 de Julho de 2018. Disponível em: <http://www.cinematica.pt/Cinematica/Destaques/Textos-Imagens-5.aspx>

<sup>6</sup> Vários realizadores portugueses como António Lopes Ribeiro, Fernando Lopes ou António-Pedro Vasconcelos desempenharam papéis de direção ou chefia de redação de publicações especializadas em cinema.

- Carmo, T. M. (2006). *Evolução Portuguesa do Jornalismo Cultural*. *Janus*.
- Costa, A. (1954). *Breve História da Imprensa Cinematográfica Portuguesa*. Porto: Cine-clubes do Porto.
- Costa, A. (1978). *Breve História do Cinema Português (1896-1962)*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa/Secretaria de Estado da Investigação Científica/Ministério da Educação e Investigação Científica.
- Cunha, P. (2008). A crítica que mudou a crítica de cinema na imprensa portuguesa: o caso Diário de Lisboa, 1968. *Colóquio Internacional "O Cinema através da Crítica. Cinema, teoria, literatura e crítica de cinema na Península Ibérica"*. Coimbra.
- Cunha, P. (2014). *O Novo Cinema Português. Políticas Públicas e Modos de Produção (1949-1980)*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Cunha, P., & Penafria, M. (2017). A Crítica dos Cineclubes em Portugal: O Caso do Boletim do Cineclubes de Guimarães. In P. Cunha, & M. Penafria (Eds.), *Crítica de Cinema - Reflexões sobre um Discurso* (1ª ed., pp. 103-122). Covilhã: LabCom. IFP.
- Ferreira, C. O. (2013). 1990-99 Estabilidade, crescimento e diversificação. In P. Cunha, & M. Sales, *Cinema Português: Um Guia Essencial* (1ª ed., pp. 238-267). São Paulo: SESI - editora.
- Henry, C. (2006). *A Cidade Das Flores: Para Uma Recepção Cultural Em Portugal Do Cinema Neo-Realista Italiano Como Metáfora Possível De Uma Ausência* (1ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lopes, J. (2016). Um filme não é uma telenovela. *Camões - revista de letras e culturas lusófonas*, 24, 77-79.
- Lourenço, J., & Centeno, M. (2019). A Evolução da Imprensa sobre Cinema em Portugal: Da Ditadura aos Primeiros Anos da Democracia. *Media & Jornalismo*, 19 (35), 149-164.
- Mangorrinha, J. (2014a, Fevereiro 25). *Cinema: semanário cinematográfico*. [Online]. Consultado a 11 de Julho de 2018. Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/Cinema.pdf>
- Mangorrinha, J. (2014b, Fevereiro 25). *Movimento, cinema, arte, elegância*. [Online]. Consultado a 11 de Julho de 2018. Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/Movimento.pdf>
- Mesquita, M. (1996). Os meios de comunicação social. O universo dos media entre 1974 e 1986. In A. Reis, *Portugal 20 Anos de Democracia* (pp. 360-396). Lisboa: Círculo de Leitores.
- Pina, L. d. (1986). *História do Cinema Português*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Reis, A., & Nunes, J. M. (1996). Os meios de comunicação social. breve síntese sobre a evolução dos media no período 87-94. In A. Reis (Ed.), *Portugal 20 Anos de Democracia* (pp. 396-405). Lisboa: Círculo de Leitores.
- Santos Silva, D. (2009). Tendências do Jornalismo Cultural em Portugal. *Anexo dos Congressos 6º SOPCOM/8º LUSOCOM* (pp. 91-106). Lisboa: SOPCOM.